

A Marinha na Academia Brasileira de Letras: o Almirante Jaceguay

Gilberto Rodrigues Machado*

Estava a pesquisar sobre a ligação da Marinha com a Academia Brasileira de Letras (ABL), a propósito de informação que dava conta da participação do eminente escritor e fundador da ABL, Joaquim Maria Machado de Assis, na Comissão que elaborou o Dicionário Marítimo Brasileiro. Foi quando tomei conhecimento de um fato que me deixou entusiasmado: a Marinha teve, no passado, um de seus mais destacados membros que fez parte do seletivo grupo de intelectuais da “Casa de Machado de Assis”.

Suficiente motivo que me inspirou a escrever este pequeno artigo sobre assunto que, provavelmente, se mantém desconhecido até de pessoas ilustradas deste País. E o propósito é mostrar que a Marinha do Brasil sempre dedicou apreço pela cultura em geral e pela arte literária, em particular. E nós, homens do mar, nos sentimos gratificados por sabermos que, nos anais da Academia Brasileira de Letras, está registrado o nome desse brilhante “Homem do Mar”. É, com efeito, gesto de reconhecimento da ABL dos méritos e do talento literário de Arthur Silveira da Motta, o Almirante Jaceguay, a par das suas excelsas virtudes como oficial de Marinha, além do seu notável saber na arte da historiografia.

Nascido em São Paulo, em 26 de maio de 1843, com quinze anos incompletos prestou exames para a Academia de Marinha (equivalente à atual Escola Naval). Aprovado, tem Praça de Aspirante em

4 de março de 1859, sendo promovido a guarda-marinha em 30 de novembro de 1860. Mas a conclusão do curso somente ocorreu no final de 1862, após longa Viagem de Instrução iniciada no princípio daquele ano. A 2 de dezembro recebia a sua promoção a segundo-tenente. Neste posto, foi incumbido de lecionar Hidrografia aos guardas-Marinha, embarcados na Corveta “Ypiranga” e, com a autorização dos seus superiores, incluiu no currículo a matéria de História Naval.

Promovido a primeiro-tenente, por merecimento, a 28 de novembro de 1863, Silveira da Motta embarca na Corveta “Beberibe” para cumprir missão no Rio da Prata, sob o comando do Almirante Tamandaré. O então Tenente Silveira da Motta solicita e obtém transferência para a Canhoneira “Mearim” a fim de efetuar o bloqueio de fortificação no Rio Uruguai, em Salto e em Paissandu, ação que termina com a rendição da primeira e, cerca de dois meses após, da segunda. Tempos depois exerceu as funções de Secretário e Ajudante de Ordens do Almirante Tamandaré. Mesmo com a substituição desse Chefe Naval, à frente do Teatro de Operações, pelo Marquês de Caxias, permaneceu exercendo aquela função. Viajou ao Rio de Janeiro para cumprir missão sigilosa recebida de Caxias, finda a qual, em 24 de maio de 1867, assumiu o comando do Encouraçado “Barroso”, já no posto de capitão-tenente e, empreendendo a sua primeira ação na Guerra do Paraguai, transpôs o passo de Curupaiti, em 15 de agosto de 1867.

Também foi responsável pela indômita passagem da fortaleza de Humaitá, sendo o primeiro a realizá-la no comando do citado Encouraçado “Barroso”, em 19 de fevereiro de 1868, vencendo a resistência paraguaia, pois essa fortificação era considerada inexpugnável. Mas, graças à bravura, obstinação, aplicação tática e destre-



za nas manobras do Tenente Silveira da Motta foi aberto o caminho, junto com Encouraçado “Bahia” e o Monitor “Alagoas”, para os demais navios da Esquadra Brasileira, consolidando a vitória dos países da Tríplíce Aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai, na guerra contra o Paraguai.

A propósito de tão retumbante feito, o Comandante do Encouraçado “Barroso” recebeu homenagem do poeta José Bonifácio, “o Moço”, na forma de poema intitulado: “*Primus Inter pares*”, do qual transcrevemos a primeira quadra:

*“Foste o primeiro, sim! Ali teu vultu
A muralha de ferro ergueu fremente!
Já não tarda o porvir, as trevas fogem:
Serás entre os barões – ‘Barão da Frente!’”*

E, uma vez que citamos um trecho do poema em louvor do futuro Barão de Jaceguay, entendemos como oportuno o momento para articular o ser marinheiro, em essência, com o talento literário em Arthur Silveira da Motta, a aproximá-lo da Academia Brasileira de Letras.

Para tanto, faz-se necessário mencionar que esse oficial de Marinha é autor de, pelo menos, oito livros, publicados a partir de 1888, que tratam desde temas como navegação a vapor entre o Brasil e a Europa até o derradeiro, editado em 1906, que aborda questões de Organização Naval, passando por assuntos ligados à carreira naval, como “*De Aspirante a Almirante, 1860 a 1902 – Minha fé de Ofício Documentada*” - Coletânea composta por cinco tomos - (1902). Faz abordagem política, em que critica a Monarquia, sobre a questão da escravatura, em “*O Dever do Momento – Carta dirigida a Joaquim Nabuco*” (1897). O tema da Historiografia é tratado em “*Ensaio Histórico sobre a Gênese e o Desenvolvimento da Armada Brasileira*”, em coautoria com Vidal de Oliveira (1903).

Mas o processo de escolha do futuro integrante da ABL começa com a defesa do nome de Arthur Silveira da Motta feita por Joaquim Nabuco. Dizia este que a Academia deveria contar entre seus membros não somente os representantes do fazer literário nacional, mas acolher, também, aqueles que representassem “toda a vida mental brasileira”. Eis o pensamento de Nabuco, expresso em carta enviada a Machado de Assis, nos seguintes termos: “A minha teoria já disse, devemos fazer entrar para a Academia as superioridades do País (...)”. Machado de Assis não discorda da teoria exposta por Nabuco. E, finalmente, após resistir aos reiterados ape-

los de Nabuco, Silveira da Motta decide pleitear a vaga de Teixeira de Melo, concorrendo com Virgílio Várzea e Paulo Barreto. E ganhou a eleição, em 28 de setembro de 1907, obtendo doze votos contra um, dado a Paulo Barreto. Estavam presentes à sessão treze acadêmicos. Recebeu-o na ABL o Acadêmico Afonso Arinos, em 9 de novembro do mesmo ano. E dentre as suas intervenções está manifestação favorável à admissão da mulher na Academia Brasileira de Letras, que fez na sessão realizada em 14 de outubro de 1911. Mas somente em 1976 Rachel de Queiroz foi eleita, sendo assim a primeira mulher a ser admitida na ABL.

Ainda a respeito da carreira naval de Arthur Silveira da Motta, retomando o relato feito a partir da sua decisiva participação na Guerra do Paraguai, deve ser acrescentado que, ao final desse conflito (1870), contava ele 26 anos, no posto de capitão de mar e guerra, e foi nomeado para o comando da Fragata “Niterói”. Partiu em Viagem de Instrução, de longa duração, pela costa norte do Brasil, conduzindo guardas-marinha e oficiais.

E não podemos deixar de citar fato relevante que une o destino de Silveira da Motta com a criação do Clube Naval. Em 1871, foi eleita a Diretoria do recém-criado “Club da Marinha” (o atual Clube Naval), que o escolheu como Presidente. Mas com a nomeação para Adido Naval na Europa, a fim de realizar estudos sobre a forma como os países europeus faziam a sua Organização Naval, o então Vice-Presidente, Capitão-Tenente Luiz Felipe de Saldanha da Gama, assume a presidência do *Club da Marinha*. Ao retornar da comissão na Europa, recebeu o comando de esquadra comissionada para fazer o levantamento do estuário do Rio da Prata.

Em 1878, recebeu a promoção de Chefe de Divisão, sendo nomeado “Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário” em missão especial à China. Por ocasião de sua promoção ao posto de Chefe de Esquadra (corresponde ao de Almirante de Esquadra), em 1882, recebeu o título de Barão de Jaceguay.

Em 1887, pediu reforma, mas não se desligou da Marinha, ao exercer o cargo de Diretor da Biblioteca, do Museu e Arquivo da Marinha, e de redator da Revista Marítima Brasileira. Foi nomeado, em 1900, Diretor da Escola Naval. Faleceu em 6 de junho de 1914, na cidade do Rio de Janeiro. ■

* Capitão de Fragata (Ref^o), membro do Círculo Literário, Grupo de Interesse do Clube Naval